

## Vida de Cigarra – Em Busca do Tempo Não Perdido II – O Amor não Existe!

"As reviravoltas das abelhas, tão rápidas e incoerentes, parecem desdenhar no espaço figuras matemáticas precisas e constituem uma linguagem. Sonho em escrever um romance em que todos os encontros que um homem tem durante a sua existência, fugazes ou importantes, conduzidos por aquilo a que chamamos o acaso, ou pela necessidade, desenhassem igualmente figuras, exprimissem ritmos e fossem o que talvez sejam: um discurso sabiamente planejado, dedicado a uma alma para que se realize totalmente, e do qual esta não apreende, ao longo da vida, mais do que algumas palavras sem continuidade" (O Despertar dos Mágicos).

A lagarta da cigarra vive até 17 anos debaixo da terra, alimentando-se da seiva das raízes de árvores. Um dia ela decide “aflorar” e desenterrar-se. Então, subindo lentamente pelo tronco da árvore, ela encontra uma reentrância onde pode se enrolar e metamorfosear-se. Um pequeno casulo se forma lentamente num pequeno penduricalho cinza-marron, quase se confundindo com a casca do tronco que a suspende. Outro dia aquilo que parecia um casulo se abre, estendendo as asas para o calor do sol, e um pequeno corpúsculo disforme passa a respirar oxigênio.

O amor não existe! O oxigênio ninguém pode vê-lo, apenas senti-lo por sua necessidade!

Pode-se viver toda uma vida e não se encontrar o outro que se deseja. Por exemplo, homens precisam de mulheres: sua ternura, sensibilidade e seu corpo. O fato é que não somos mulher e temos consciência disso! Mas o mais instintivo sentido do homem é a procriação?! Quanto, quanto nos usam por isso!?

De repente a cigarra sai voando, esconde-se e começa frenética e incansavelmente a cantar. Quantas cigarras eu vi em minha vida? Umas três ou quatro! É que a cigarra só tem, na melhor das hipóteses, se não for devorada por seus predadores, quatro semanas para procriar e morrer. Quatro semanas para procriar e morrer! Frenética, inconsolada, um canto desesperador. Um canto de dor! Um canto de amor! Então o gozo e a morte. Um canto de morte! Antes, contudo, seus ovos saem de seu ventre no estertor deste ato derradeiro. Salmão! E logo mais lagartas-vermes estarão sugando a seiva acre-doce das raízes das árvores. Um canto de amor! Quantas vezes eu amaldiçoei o canto interminável e desesperador das cigarras? Incontáveis lembranças. Vida de cigarra!

Então você começa a levar todas as mulheres para a cama. Comportamento desesperado: não por machismo, mas na busca pela mulher de sua vida. Como se fosse um troféu, não para mostrar que você é homem, não para provar para os outros que você conseguiu algo dentro da continuidade da espécie (até disso somos cobrados!), uma obrigação de gênero, uma utilidade sociofisiológica, mas provar a você mesmo que ela, mulher, existe. E vem a solidão. A solidão que testa os limites de seu amor.

O que é preferível? A solidão ou a interrogação? O desapego evita a perda, a perda evita o medo. Sem medo se evita a dor. A solidão é o desapego, não necessariamente ficar só. “Solidão e carência não são a mesma coisa”: eis a sentença outrora pronunciada!

Então um dia você acorda, senta na cama e não sente mais nada. Não se angustia mais porque o telefone não toca. Sabe por quê? Porque a dor acabou. A dor se foi! A cigarra se calou!